

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR:
PESQUISA REALIZADA EM ESCOLA PÚBLICA NA CIDADE DE PAULO
AFONSO – BAHIA**

*Érica Patrícia de Sá Nascimento, Bióloga pela Universidade do Estado da Bahia
(UNEB) - Pós-graduada em Gestão e educação ambiental pelo Centro Universitário*

Leonardo da Vinci (UNIASSELVI)

*Nadja Santos Vitória, Bióloga pela Universidade de Santa Cruz (UESC) - Doutora em
Biologia de fungos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*

ericapatricia95@hotmail.com

RESUMO

A gravidez na adolescência é uma realidade que não para de crescer no Brasil e no mundo. A gravidez precoce tem repercussões biológicas, psicológicas, familiares, sociais, econômicas e culturais e a mesma pode trazer o abandono escolar pelas adolescentes. Considerando tal assertiva, esta pesquisa teve como objetivo fundamental analisar e identificar a relação entre a gravidez na adolescência e o universo escolar de uma escola da rede pública no município de Paulo Afonso – Bahia, no período de agosto de 2015 a abril de 2016. Os dados foram coletados mediante questionário semiestruturado e anônimo, autorizados pelas mesmas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Neste período foram entrevistadas dez gestantes adolescentes com idades entre 13 e 18. Os resultados indicaram que para a maioria das adolescentes entrevistadas a maternidade impõe certa dificuldade para a continuidade de seus estudos, sendo que a maior parte dessas jovens não tinha planejado a gravidez e antes de engravidar não utilizavam nenhum método contraceptivo. A participação familiar mostrou-se reduzida na educação sexual das mesmas. Portanto, se faz necessário à participação da escola junto com os profissionais de saúde a utilização e introdução de trabalhos que provoquem a mente dos adolescentes, a meditação e conscientização, tendo em vista que os adolescentes representam o futuro e, ao serem bem assistidos, gerarão uma população mais consciente.

Palavras-chave: Adolescência; Evasão escolar; Gravidez na adolescência.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o tema gravidez na adolescência não foi discutido durante décadas, até que durante o século XX passou a merecer atenção do Ministério da Saúde. O aumento da fecundidade na adolescência no Brasil não ocorreu de forma uniforme, foi intenso a partir dos anos 70 e 80 e permaneceu estável no quinquênio 90 a 95. Os primeiros ensaios do Ministério da Saúde para implantar um programa de saúde para adolescentes datam somente de 1985 (GUIMARÃES; ALVES; VIEIRA, 2004). Ainda assim, um número significativo de adolescentes engravida no país.

A maternidade na adolescência é um acontecimento decorrente de vários fatores, significando, deste modo, um contratempo bastante complexo, que ocasiona discussões e divergências no que corresponde às suas causas. O significado de uma gravidez precoce depende do seu contexto social e das experiências que as adolescentes vivenciaram e vivenciam na realidade (MOREIRA, 2010).

Algumas adolescentes desejam a gravidez, fazendo parte de um projeto de vida. Contudo, para outras, trata-se de um evento desagradável, no qual ocorreu por descuido ou falta de responsabilidade, resultando em medo e conflitos, aumentando os problemas já existentes como a perda de identidade, da confiabilidade da família e do companheiro, a interrupção dos estudos de forma temporária ou definitiva e falta de expectativa de futuro, onde acaba refletindo em uma maior taxa de evasão escolar, dificuldades na inserção no mercado de trabalho, entre outros obstáculos encontrados pelas adolescentes (MOREIRA et al., 2008).

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) regulamenta que é direito da família a educação sexual e dever do Estado favorecer o desenvolvimento do educando e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) por meio dos Temas Transversais, sendo sensata a orientação sexual nas escolas, tendo em vista a educação dos jovens sobre sexualidade de forma correta e natural, além de tratar sobre gravidez e maternidade na adolescência (NASCIMENTO, 2012).

Contudo, esta pesquisa teve como objetivo investigar e discutir as implicações no processo de aprendizagem escolar e mudança de vida das jovens que cursam o Ensino Fundamental II e Médio em uma escola pública na cidade de Paulo Afonso, Bahia, reconhecendo as possíveis causas que levaram a gravidez e ressaltando a importância do ambiente familiar e escolar para desenvolver uma efetiva educação e orientação sexual.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com adolescentes entre 13 e 18 anos, do Ensino Fundamental II e Médio de uma escola pública, dos turnos diurno e noturno, que aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária e anônima através da assinatura do

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi realizada no período de setembro de 2015 a agosto de 2016. Foi solicitado autorização da direção da escola para realização da pesquisa. Os registros dos dados foram feitos em questionários semiestruturados e específicos para o estudo. O questionário foi composto de um total de 15 questões, visando obter dados pessoais referentes à idade, grau de escolaridade e informações específicas a respeito do assunto em questão: gravidez na adolescência. Todas as adolescentes convidadas a participar foram esclarecidas quanto ao objetivo da pesquisa e responderam ao questionário de forma individual sob supervisão da pesquisadora/autora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram conhecidas dez estudantes adolescentes grávidas com as idades correspondentes entre 13 e 18 anos. Houve uma frequência de 30% com alunas de 15 e 16 anos; seguidas pelas alunas que apresentavam 14 anos (20%) e 13 e 18 anos com 10%. Segundo Nunes e Nascimento (2012), não devem ser questionadas a definição de adolescente através da idade cronológica, seria uma maneira muito simplista de observá-la, pois trata no momento, de inúmeras transformações entre elas psicológicas e fisiológicas influenciadas por fatores culturais, sociais e econômicas gerando assim, vários conflitos em sua personalidade, entre elas, o despertar para a sexualidade, fase esta que se exige maior atenção por parte da família, educadores e profissionais da saúde, pois é nessa fase que eles estão mais suscetíveis a riscos, como a gestação precoce.

Pelo percentual de gravidez por série, de acordo com a entrevista realizada, a maioria das adolescentes estava no 1º e 2º ano (30%), seguido pelo 9º ano com 20% e uma parcela significativa de 10% no 8º ano e 3º ano. O turno que mostrou maior frequência de casos de gravidez na adolescência foi o noturno (50%). Esse período, talvez esteja associado ao perfil de algumas das adolescentes, que na sua maior parte trabalham para contribuir com a renda familiar, assim a única escolha das jovens estudarem é neste período.

Um dos aspectos importantes que se percebe como complicador quando se trata de gravidez precoce é a ausência do planejamento familiar, informações sobre sexualidade e métodos contraceptivos, ausências de consultas ginecológicas, falta de acesso aos serviços de saúde, entre outros fatores. Segundo Rieth (2002) a primeira relação, em muitos casos, entre adolescentes é um relacionamento sem planejamento, "de repente" ou apenas uma oportunidade, embora não seja inesperada. Assim, foi observado nos dados coletados onde 90% da gravidez não foram planejadas e 50% das adolescentes engravidaram na sua primeira relação sexual. O planejamento da gestação é observado apenas na adolescente de 18 anos e mostra que a gravidez pode ser a concretização de um projeto.

Quando indagadas sobre a utilização dos métodos contraceptivos, podemos verificar que 40% das jovens nunca adotaram os métodos, 40% conheciam, mas nem sempre utilizavam e 20% afirmaram que sempre adotaram os métodos contraceptivos antes da gravidez. Pode-se observar que não houve a prevenção pela maioria das adolescentes e foram recebidas poucas orientações em relação à gravidez indesejada. Segundo Nascimento (2012, p. 35), “é antes da gravidez que se encontra a declive de qualquer decisão inconsciente relacionada à prevenção, tanto sobre a maternidade precoce quanto de doenças sexualmente transmissíveis”.

Os métodos contraceptivos mais conhecidos foram a camisinha com 100%, seguido da pílula anticoncepcional e a pílula do dia seguinte com 80%, tabelinha com 50%, porém, uma parte importante de 20%, das participantes não conhece nenhum método. Os dados coletados mostram que a maior parte das adolescentes conhecem métodos contraceptivos, principalmente a camisinha, que proporcionam sexo mais seguro, a não utilização foi, portanto, uma escolha. Segundo Maia (2004, p. 34), “investigações sobre esse tema poderiam ajudar na maior compreensão dos adolescentes de modo a manipular o uso dos métodos contraceptivos com eficiência, pois conhecê-los não é suficiente, uma vez que não significa usá-los.” Por isso, uma abordagem mais aberta sobre o assunto nas escolas é muito importante e por isso deve ser meditada.

As primeiras informações sobre o sexo foram obtidas, 40% na escola; 20% dos pais; 20% dos amigos e 20% da internet. Já as atividades escolares sobre o tema foram através de 50% palestras; 20% aulas; 10% através de filmes e 20% das adolescentes afirmaram que não tiveram nenhum tipo de atividade ou orientação. Segundo Carvalho e Matsumoto (2009, p. 11), “embora a maioria das meninas tenha informações sobre a gravidez e contracepção através da mãe, a escola desempenha um papel fundamental no processo.” Ainda assim, de acordo com as adolescentes entrevistadas, a escola desta pesquisa, não está preparada, pois as que disseram ter educação sexual, afirmaram que tiveram de maneira bem superficial. A pouca participação dos pais demonstra que há precariedade na conversa entre os pais e filhos sobre sexo. “A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições” (ECOS, 2004, p. [on-line]).

As principais consequências da gravidez na adolescência, para estas entrevistadas, estão vinculadas à privação de prazeres e ao abandono dos estudos. 80% das adolescentes relataram estar com dificuldades de estudar em consequência da gravidez. Muitas adolescentes acabam desistindo da escola para se dedicar ao início da maternidade, destas, poucas ainda possuem uma expectativa para voltar aos estudos. Por essa razão é relevante o trabalho de precaução como também o apoio à adolescente grávida ou mãe. É um exercício que só irá obter êxito se houver envolvimento efetivo

da família, em união com a escola na tentativa de impedir a sua evasão escolar e fazer com que a adolescente mantenha um projeto de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa reconheceu um dilema na vida de várias adolescentes e coloca a escola e a família à frente de muitos desafios. Através dos dados deste estudo, verificou-se que, a maioria das adolescentes possui conhecimento e conscientização escassa sobre os diversos assuntos voltados ao tema “gravidez na adolescência”. Como existe a falta de diálogos sobre sexualidade com os pais, sugere-se, que as escolas sejam um dos principais suportes para informação e formação dos jovens, mas, para isso é preciso que apresentem um planejamento e execução de programas adequados de maneira dinâmica para conscientizar e não somente informar os jovens acerca dos problemas que podem suceder ao iniciar a vida sexual. Precisam ser informados e orientados de uma forma que possam compreender os problemas que decorrem da gravidez não planejada. Então é preciso discutir, criar e buscar diversas formas de abordagens que possam trazer o efeito desejado na vida dos adolescentes para o seu desenvolvimento, responsabilidade e formação como indivíduos proporcionando aos seus alunos e alunas uma orientação voltada ao direito de uma vida conduzida com responsabilidade e pelo princípio de que há tempo para todas as coisas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marilei Bressani; MATSUMOTO, Leopoldo Sussumu. Gravidez na adolescência e a evasão escolar: Escola Estadual Sagrada Família, Siqueira Campos; Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Luiz Meneghel, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1868-8.pdf>>. Acesso em 06 jan. 2016.

ECOS - Estudos e comunicação em sexualidade. Promover a educação sexual nas escolas. São Paulo: Instituto Polis; 2004. Disponível em: <<http://www.ecos.org.br/boletins.asp>>. Acesso em 05 fev. 2016.

GUIMARÃES, Eleuse de Brito; ALVES, Maria de Fátima; VIEIRA, Maria Aparecida. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes – um desafio para os profissionais de saúde no município de Goiânia. Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun. 2004. Disponível em: <www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/reprodutiva.html>. Acesso em: 26 mai. 2016.

MAIA, E.M.G. Características psicossociais da gravidez na adolescência na cidade de Montes Claros- M. G. Mestrado, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004.

MOREIRA, Isabel Cristina. O significado da gravidez para as adolescentes de comunidade de baixa renda. Trabalho monográfico de graduação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 312-320, June 2008.

NASCIMENTO, Luciana Sousa do. Gravidez na adolescência e o âmbito escolar: pesquisa realizada em escolas da rede pública na cidade de Picos-PI. Trabalho monográfico de graduação. Universidade Federal do Piauí. Picos, 2012.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. Horiz. antropol. vol.8 no.17, p.5 Porto Alegre June 2002.